

Conchas, búzios e areias

RUI ALBERTO CARDOSO

CRÓNICA

Parece prece perdulária premente

Teimei rezar sempre em silencioso. No meu silêncio indefinidamente egoísta assumido mas só por desejar os ecos nos lábios evitarem transbordarem sons benzidos da solidão e que ainda hoje são para chegarem à família toda, até aos dos retratos agora amarelados em farrapos, aonde revejo rostos quase sós definhados e lancheiras em verga com borboletas que ainda dão para enxergar de tão nítidas. Ainda hoje saltitam, sentenças vivas esvoaçarem para fora do papel... Mas verdade, também eu fugi sempre a sete pés das missas (*exceção quando em miúdo cheguei a sacristão com um amigo negro na Terra Nova, também, verdade, quando meu pai surpreendido virou costas à vida*) desde que não vi nas igrejas esvoaçarem passarinhos nos claustros que mesmo corroídos de quando tirava macaquinhos do nariz ou então teimava ajudar endireitar as meias das senhoras com ancas proeminentes, nem as imagens femininas em pedras lograrem brotarem lágrimas com água. Hoje, que ainda quero rezar mas não sei para onde dirigir as minhas mãos maculadas pela errante ignorância de viver nos dias sem saber surpreender uma borboleta sobre a pétala,

sequer fisgar no engodo enfeitado pardalinhos que no amanhecer ajudam descortinar dias diferentes, ainda hoje, que sinto só brutalidades nos dias em que consigo sentir as nuvens mas sei elas terem água espadelada aos novos,

hoje que sinto até gritarias da criançada mas já não sei dependurar à guerreiro a fisga na algebeira, ainda hoje que tanta gente fazer-me sentir ter amado agora sós mas eu sem perícia não apegar-me das lágrimas que fossem

ter força para soletrar ao ouvido da minha mulher ainda hoje sei, absurdamente, ter vontades de rezar, mas só para teimar no meu silêncio, arrastar palavras, mas não sei as que valham onde já perder-me, se quando em miúdo distraído talvez, acreditar no rebate da sineta para as hós-



tias, nos rostos deslumbrantes que encarnavam semblantes distintos na luz teimosa violarem a janela enorme que dava para o céu de lá fora mas para mim sem novos, onde vinha persistente sobre o ouro encrostado no rebordo do altar soprado por negros dedicados na arte em dar muito e pouco sabermos receber algo, ou a custo reinventado e parecerem-me preces perdulárias prementes, evocarem lamentos rezados sempre silenciosos a esquiva paixão demorada só no céu mas para olhá-lo de quando em vez poder descortinar sentidos terrenos, a mão sobre um corpo, alaridos de pás-

ainda hoje que absurdamente até sinto galhos das árvores desamparadas nos descampados mas não sei obedecer-lhes na solidão, ainda

terem brotado, nem talvez pronunciar no silêncio, o meu afinal, egoísta, a frase completa do poema de amor que escrevi há muito e não

saros frenéticos, o galho na secura na terra, a petulância onde caímos, o poema adiado talvez de amor, talvez... creio.

Paço de Arcos, Fevereiro 2010